GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

— Qual nada, seu Pinheiro, já fiz tudo que você mandou para provocar a «bernarda» mas Zé-povo não se revoltou. Se você quizer sitio, só se for sitio sem revolução.

PEQUENOS INDUSTRIAES

precisam, mais que ninguem, explorar economicamente a sua industria. O mais importante factor d'essa economia é o

Legitimo motor OTTO Modelo C. M., 2-10 H. P.

(A' Gazolina, Kerozene ou Alcool)

CONSUMO MINIMO DE COMBUSTIVEL

GASMOTOREN FABRIK DEUTZ

Rua 1.º de Março, 104-106

CAIXA POSTAL N. 1804 — RIO DE JANEIRO

Filiaes: SÃO PAULO, BELLO HORIZONTE e PERNAMBUCO

O COLOMBO DOS ARES

O Aero Club Brazileiro pretende erigir um significativo monumento em commemoração da visita de Santos Dumont áquella nossa escola de aviação, á guisa do que fez o Aero Club de Paris em Saint-Cloud.

A homenagem é justissima e echoará magnificamente no extrangeiro, com especialidade na França, onde o nosso glorioso patricio é muito querido.

Santos Dumont pode ser considerado sem hyperbole o «Colombo dos ares,» porque si outros antes delle, desde Icaro e Dedalo, conseguiram galgar o espaço, como o padre Bartholomeu de Gusmão, Montgolfière e Blanchard em 1784, Giffard em 1852, Tissandier em 1883, Renard e Krebs em 1884, para só citar estes, nenhum teve o triumpho soberbo do notavel brazileiro com o exito admiravel da dirigibilidade do mais pesado que o ar, facto occorrido em 1901, quando o insigne aviador patricio contornou pela primeira vez a Torre Eiffel, iniciando uma era nova para a aviação.

Só merece pois applausos, os mais calorosos, a lembrança feliz do Aero Club Brasileiro e os nossos votos mais ardentes e mais patrioticos são para que a auspiciosa idéa seja em breve uma grandiosa realidade consagradora.

W.

O Alimento Natural de uma Creança

é o leite de uma mãe sadia. Quando este se encontra deficiente em quantidade, o leite de vacca é frequentemente substituido—mas o leite de vacca é acido na sua reacção, e forma coalhos espessos no estomago. O ferver não tem por resultado excluir do leite estes productos acidos e irritantes que o fazem inteiramente improprio para o uso da creança.

Os Alimentos Lacteos "Allenburys" são manufacturados de modo proprio, para remover a differença entre os leites de vacca e humano. São tão faceis de digerir, como o alimento natural da creança. Sendo convenientes, tanto para as creanças debeis como para as robustas, asseguram perfeita e vigorosa saude.

Os Alimentos "Allenburys"

Alimento Lacteo No. 1 — Do nascimento até 3 mezes.

Alimento Lacteo No. 2 — De 3 até 6 mezes.

Alimento Malteado No. 3 — De 6 mezes para cima.

Os Rusks (Biscoutos) "Allenburys"—Malteados

Uma addição valiosa á dieta das creanças de dez mezes para cima. Fornecem uma refeição excellente, nutritiva e appetitosa, especialmente util durante o periodo molesto da dentição. Comidos seccos, ajudam mecanicamente a sahida dos dentes.

OS ALIMENTOS "ALLENBURYS" são manufacturados numa fabrica modelo sob as melhores condições hygienicas. São especialmente adaptados aos passos progressivos do desenvolvimento de uma creança, e formam o systema mais racional de alimentação da creança.

Peçam folheto sobre "Alimentação e Cuidado da Creança," que será enviado livre de despesa.

Allen & Hanburys Ltd., Lombard Street, London.

Agentes:

F. H. WALTER & Co., Caixa do Correio 7, RIO DE JANEIRO.

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS

O coronel Roosevelt

sabedor que o

"EVINRUDE"

é o unico Motor Portatil, leve, potente e collocado facilmente á popa das embarcações de remos, comprou e levou um comsigo na sua viagem pela America do Sul, com a força de 3 1/2 cavallos.

Pela sua excellente construcção, preço baixo e rapida manobra é o "Evinrude" o unico meio pratico para botes de remo, de passeio, transportes, etc.

Adaptavel á popa

!! 25.000 motores "Evinrude" já vendidos !!

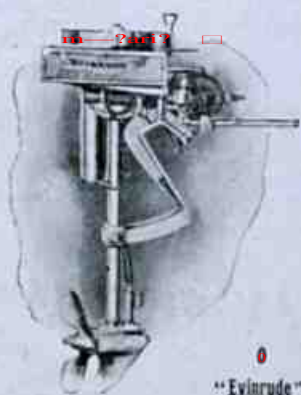
Usam o "Evinrude" com grande vantagem, milhares de pescadores, carateiros, industriaes e os governos do Equador, Perú, Estados Unidos, Allemanha e outros.

De 1 1/2, 2 e 3 1/2 cavallos de força.

Com pilhas ou MAGNETO

Peçam catalogos a

Melchior, Armstrong & Dessau

Depto. B 4, 116 Broad Street,
NOVA YORK E. U. A.

O "Evinrude"

CURA RADICALMENTE

Syphilis, Rheumatismo, Ulceras, Ulcerações da bocca e do laringe (placas mucosas) Exostoses (tumores osseos), Cephaléas (dôres na cabeça continuas e sem allivio), Rumor na cabeça e zumbido nos ouvidos, Dôres no peito, Latejamento das arterias do pescoço e todas as demais manifestações do terrivel flagello = A SYPHILIS.

LABORATORIO

DAUDT & LAGUNILLA

RIO DE JANEIRO

Inventores dos preparados A Saude da Mulher, Bromil, Boro-Boracica e Depurativo Lyra (Hemosano)

Este maravilhoso mecanismo é uma completa machina de escrever, e uma completa machina de sommar, reunidas n'uma só machina de facil manejo e grande utilidade pratica.

A machina escreve simplesmente, ou escreve e somma, ou escreve e subtrahe, a vontade do operador. Não ha mais teclas do que na machina commum de escrever.

Na Machina Remington de Escrever, Sommar e Subtrahir, as parcellas sommam-se a medida que forem escriptas. A somma está sempre a vista. Escripta a ultima parcella, o dactylographo vê o total nas rodas sommadoras e escreve-o na factura. Se o total fôr correctamente transcripto, as rodas sommadoras ficam em branco, porem, se houver erro, o erro apparece nas rodas sommadoras, constituindo uma comprovação mechanica da exactidão da conta. A machina subtrahe os descontos, devoluções e outros creditos.

Se V.ª S.ª é guarda-livros ou gerente de um escriptorio, seja qual fôr o ramo de seu negocio, mande pedir o catalogo especial com gravuras e amostras do trabalho da machina Remington para escrever, sommar e subtrahir.

CASA MATRIZ:
RUA OUVIDOR 125
RIO DE JANEIRO

Casa Pratt

FILIAES:
SÃO PAULO
SANTOS,
CURITYBA,
PERNAMBUCO.

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

End. Teleg. Kósmos

Telephone N. 5341

N. 295 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 24 — JANEIRO — 1914 — ANNO VII

Almanach das Glorias

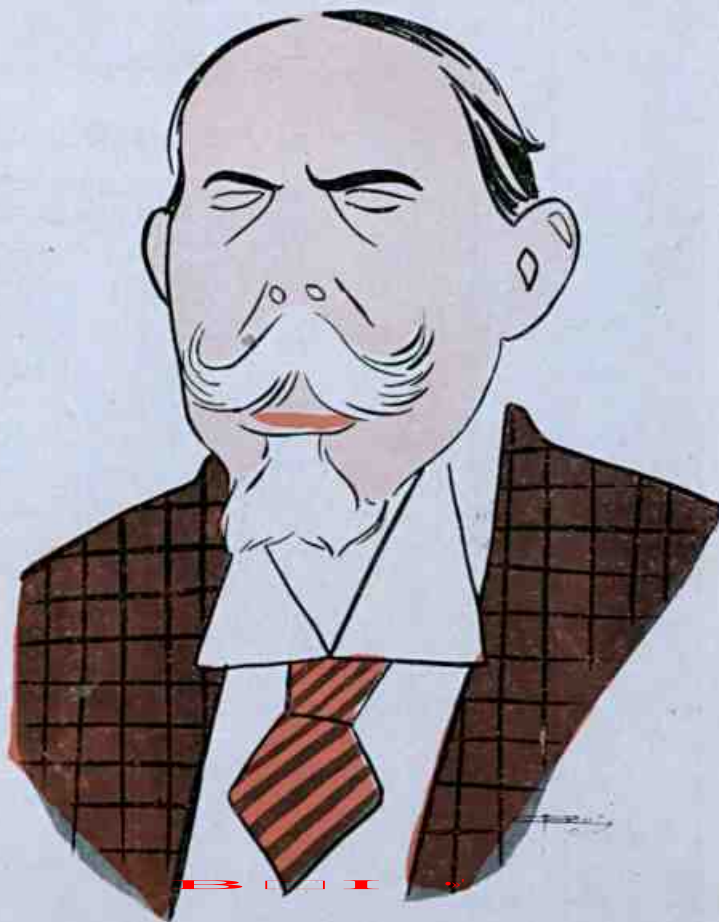
Affonso Arinos

Affonso Arinos é membro da Academia Brasileira de Lettras mas não pertence ao exercito nem é medico.

Nos tempos de estudante, quando frequentava as aulas superiores de S. Paulo, nos intervallos dos estudos juridicos, escreveu esplendido livro de contos a que deve a sua brilhante fama.

Mais tarde escreveu, e conserva inedito, um drama historico sobre o *Contractador de Diamantes*. Lido, perante os pares do academico illustre, na sala veneravel da Academia, o inedito drama, no indiscreto dizer de um immortal, encheu de commovidas lagrimas os impassiveis olhos dos graves deuses de sobrecasaca.

E' lamentavel que a producção litteraria do Sr. Affonso Arinos não corresponda, pela quantidade, á grandeza do seu talento.

Vol-Taire

Affonso Arinos

A NOTA POLITICA

A imprensa tem discutido com furor e enthusiasmo as cousas politicas sem conseguir prender a attenção volúvel do publico fascinado pelas iniciadas alegrias carnavalescas.

O povo ama as emoções fortes e gosta de aspectos novos.

Explodiu o motim conservador do Joazeiro e todo o paiz ficou vibrando na anciosa espectativa de bellas cousas épicas. Passam-se os dias e as semanas e da Terra da Luz não vem a menor noticia do menor combate. O povo, desgostoso dessa bernarda accommodaticia, banio-a das suas preoccupações.

Surgem fanaticos ao sul, na região de Curitybanos e a uma nova espectativa anciosa e vibrante corresponde uma nova decepção, pois das terras em que se agita o fanatismo apenas chegam ao Rio de Janeiro, amortecidos pela distancia, os fracos echos de uns fracos tiros trocados sem sangue em mattas longinquas.

O povo carioca, sem pensar que era com elle que contavam para a revolução, em casa, pacatamente lendo os jornaes, procura as noticias relativas a esse imaginario movimento e á medida que ellas raream, esboça alegres planos carnavalescos.

O estado de sitio preoccupou o espirito publico e muita gente o desejou. Alguns queriam ficar celebres, mediante uns dias de cadeia, outros desejavam exercer vinganças contra inimigos, muitos esperavam-n'o como o flagello necessario para atear o incendio da revolução e houve quem sonhasse ver amigos e correligionarios glorificados pelo martyrio.

A guerra civil e o estado de sitio são calamidades que distrahiriam o povo cançado dos mesmos aspectos e da mesma falta de emoções.

Chorando de commoção, os civilistas diriam pallidos e dispostos á morte heroica : — O Ruy está na cadeia !

De olhos fóra das orbitas, sahindo de um turbilhão de povo em lucta, um pinheirista bradára, desgrenhado e afflicto : — O Pinheiro foi decapitado.

E como os patriotas e o governo não lhe proporcionam essas emoções, o bom povo carioca vai procural-as no Carnaval.

Folke-lore

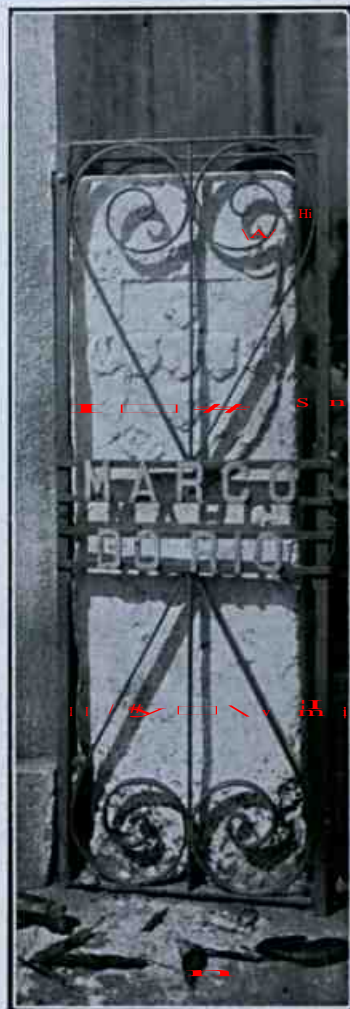
Voltou da esquadra um navio,
Mas d'ahi não veio mal :
Uns tubos arrebentados !
Desarranjo intestinal...

JOTA

Fala-se insistentemente na substituição do Dr. Edwiges de Queiroz na pasta da Agricultura ; o seu substituto provavel será o Dr. Luiz Domingues que, como governador do Maranhão tem mostrado um grande interesse pessoal pelo povoamento do solo.

ANNIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE

Festa de S. Sebastião na Igreja do Morro do Castello

Anniversario da fundação da cidade

I — Igreja do Morro do Castello, bizarramente engalanada para a festa, que se realisa annualmente, do glorioso martyr S. Sebastião, padroeiro da nossa cidade.

II — Marco que assignala a fundação da cidade do Rio de Janeiro, pelo grande portuguez Mem de Sá, cuja tumba é no Morro do Castello.

AO AR LIVRE

O MORRO DO CASTELLO

No dia 20 de Janeiro o Rio de Janeiro festejou o anniversario da sua fundação.

A cidade de Mem de Sá teve duas fundações.

A primeira foi na Babylonia, onde hoje funcciona o caminho aereo. A segunda, a verdadeira por que é a que assignala de facto o nascimento da cidade, no Morro do Castello.

Annualmente ha uma festa simples e modesta no morro que foi o berço da cidade.

Com os annos, essa festa ganhará imponencia. Para essa imponencia contribuirão todas as classes. Ha de ser um espectaculo magnifico o da população do Rio de Janeiro subindo o Morro do Castello em romagem ao tumulo de Mem de Sá.

O tumulo de Mem de Sá como todo o Morro do Castello está ameaçado pela picareta dos innovadores.

A simples discussão do arrazamento do Morro do Castello mostra o atrazo em que ainda estamos.

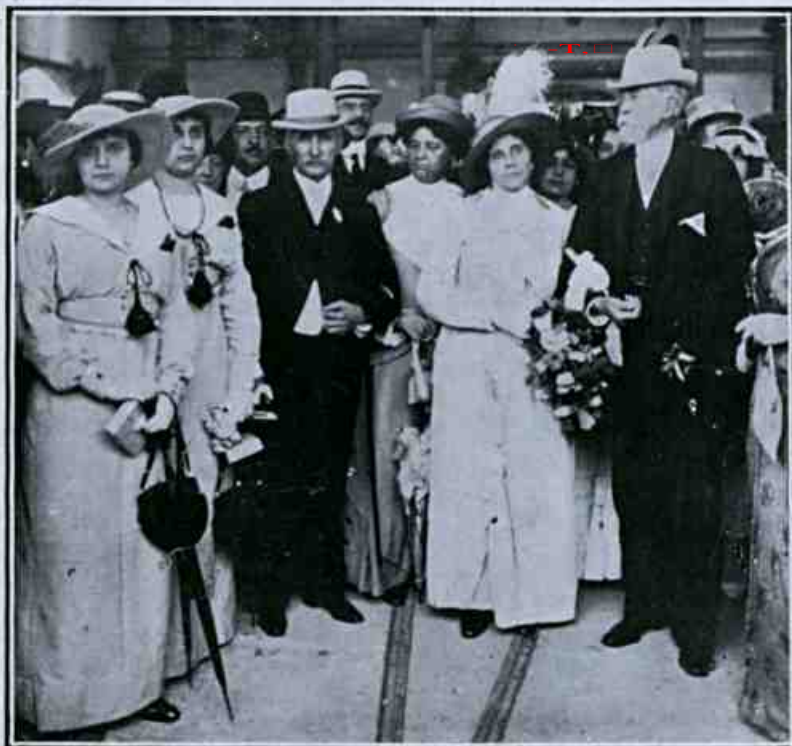
Só um povo atrazado, sem consciencia do seu passado, póde admittir que se pense em arrazar o Morro em que está o berço da sua cidade.

Esses factos é que justificam o desanimo de muita gente. Quem não tem consciencia do passado não tem orientação para marchar para o futuro.

Arrazar o Morro do Castello seria um crime inutil. A cidade perderia o mais precioso documento da sua historia e nada lucraria. Nada lucraria porque as novas ruas que se abrissem poderiam ser abertas com mais proveito noutros sitios. Alem disso, o Morro não rouba espaço á capital e defende-a dos ventos fortes.

As picaretas devem se exercitar em terreno mais fertil. Os jezuitas não deixaram thesouros no Morro do Castello. A cavação seria inutil.

J. Falcão

VIAGEM POLITICA

O senador Urbano Santos, candidato a vice-presidente da Republica, embarcando, com sua familia, com destino ao Maranhão

ECOS DO EXTERIOR

A proposito da inauguração do canal de Panamá falla-se na trasladação dos ossos do descobridor da America para a base de um monumento commemorativo. Succede, porem, que as cidades de Sevilha s S. Domingos disputam ambas a posse dessa reliquia.

Como resolver o caso ?

Parece que o meio mais simples seria trasladar tanto os ossos que se acham em Sevilha como os que se acham em S. Domingos. Que mal póde fazer ao esqueleto do grande genovez a companhia de outro esqueleto ? Até é pena que se não tenha conservado, para juntar tambem a esses ossos, o esqueleto da gallinha que poz o celebre ovo de Colombo.

* * *

A saúde do presidente Pena continúa a produzir tantos telegrammas como o famoso duello Ugarte-Palacios, aliás não realizado. Os assumptos portenhos tem essa caracteristica — a persistencia. Para prova lembrem-se do aviador Fels, daquella senhora assassinada e outros.

Não é que o presidente Pena nos não disperte interesse. Ao contrario. Para nos ser sympathico basta a sua celebre formula fraternal, na qual, si não quizermos achar sinceridade, havemos de achar pelo menos uma perfeita elegancia. A nossa sympathia por S. Ex. deveria até traduzir-se em votos pelo seu restabelecimento, mas seguido de renuncia do cargo, para evitar algum traumatismo moral. Até lá, seriam dispensaveis novos telegrammas.

* * *

Ninguem quer comprehender a attitude do Sr. Affonso Costa e levam a malhar sem piedade no homem cujo governo nos distinguiu com uma embaixada. No entanto ha duas interpretações para o seu modo de proceder; mandando espalhar nas provincias que ha crise de trabalho no Brazil; ou S. Ex. teme o despovoamento do solo lusitano ou pretende, elle proprio, emigrar para o Brazil. Esta segunda hypothese é a mais provavel; estancada a emigração, quando elle, Costa, vier, achará aqui trabalho farto e bem remunerado, na lavoira, já se vê.

MERRY DEVIL

Entre mãe e filho

— Carlinhos, que fazes a esta hora ainda de pé ?

— Não tenho somno, mamãe.

— Mas, já deu meia noite; vae-te deitar.

— Ora, mamãe; eu já disse que não tenho somno. E' melhor eu ficar aqui na sala; a senhora me conta uma historia...

— As que eu sabia já te contei todas. Olha, se queres ouvir historias espera até as duas ou tres horas. Sempre que teu pae chega tarde, não sei de onde, tem uma historia para contar-me.

EPHEMERIDES

1759 — Segunda-feira, 19 — Expulsão dos jesuitas de Portugal e do Brazil.

Demonstração, feita pelo marquez de Pombal, do modo como deve ser feita a limpeza da zona.

1817 — Terça-feira, 20 — Entrada do general Lecor em Montevidéo.

Intromettimento militar na vida alheia.

1502 — Quinta-feira, 22 — Chega ás costas brazileiras André Gonçalves, o primeiro explorador do littoral.

Precursor lusitano do famoso Savage Landor.

1637 — Sexta-feira, 23 — Chega a Pernambuco o principe Mauricio de Nassau.

Magnanimo principe, de cujo dominio poderia ter resultado ser a *Condessa Herminia* escripta em hollandez.

1890 — Sabbado, 24 — Instituição do casamento civil.

Prova de que nem tudo naquella época trazia o cunho militar.

F. HENRIO

Lições de cousas

Hoje é costume nas escolas ensinarem-se sciencias e lições de cousas, antes dos meninos saberem lêr. E' alterar á ordem natural das cousas. Porque, embora nem todos concordem com esta theoria, tudo deve começar pelo principio.

Ha por ahi um primeiro livro de leitura, adoptado em escolas primarias, onde se vêem capitulos que versam sobre os seguintes assumptos: «Os nossos deveres para com a Republica.» «As obrigações do bom eleitor» etc. Ora, parece que não ha grande urgencia em ensinar a um pequeno de seis annos os deveres do eleitor.

Mesmo quando não chegam a esse exagero, outros professores usam ensinar aos meninos lições de cousas que, para a sua idade não são de grande utilidade, gastando um tempo que seria melhor empregado em ensinar-lhe a ler correntemente.

Exemplifico esta these com um facto que se deu ha poucos dias em uma escola de Botafogo.

A professora explicava lições de cousas. Dava aos alumnos noções sobre a lã. Depois de uma explicação minuciosa ella chamou um pequeno de sete annos e começou a examinal-o.

— Menino, diga-me de onde vem a lã?

— Do carneiro.

— Que parte do carneiro?

— O pello.

— Que se faz com elle?

— Corta-se.

— E depois?

— Fia-se.

— E depois de fiado?

O pequeno embatucou; não respondeu.

— Diga, menino.

O pequeno ficou mudo.

A professora recomeçou com paciencia:

— Preste attenção. Pega-se o carneiro, corta-se-lhe o pello, fia-se. Depois de fiado, que é que se faz com os fios?

O menino embaraçado não dizia uma palavra.

Elle estava com um casaquinho de casimira de lã. A professora, com paciencia segurou-o pela manga, e disse:

— Menino, escute. De que é feito este seu casaco?

O pequeno respondeu promptamente:

— De um paletot velho de papai!...

E' um bom exemplo da utilidade do ensino precoce.

PUCK

Folk-lore

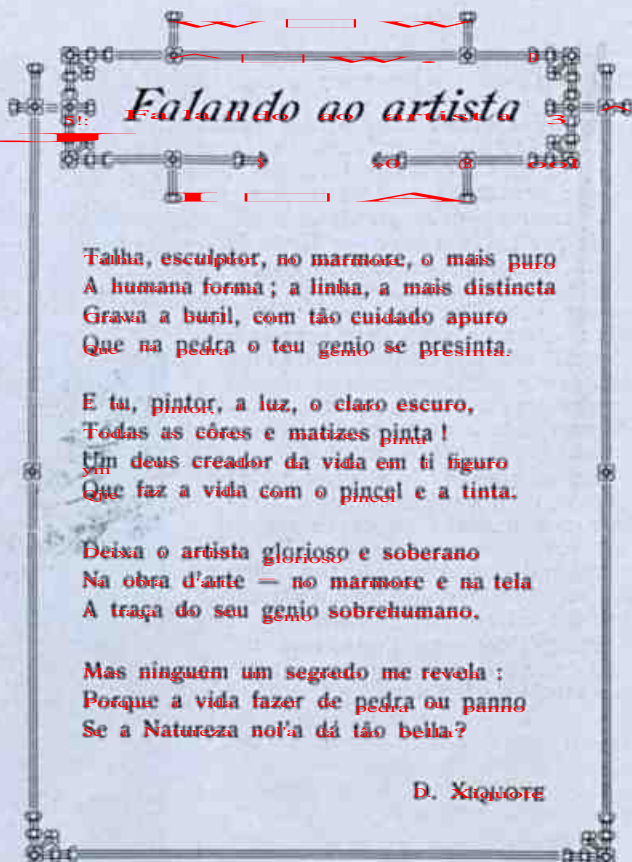
O Zeballos foi riscado
De uma douta academia...
Coitado! Vae peiorar-lhe
Com certeza a hydrophobia.

JOTA

ARTIGOS DE PRIMEIRA NECESSIDADE

ELLE — O', filha!... Está tudo tão caro!... Como queres que eu te compre um par de sapatos?... E depois, com que dinheiro compraremos lança-perfumes?

INSTANTANEO

Na Quinta da Boa Vista

Falando ao artista

Talha, esculptor, no marmore, o mais puro
A humana forma ; a linha, a mais distincta
Grava a buril, com tão cuidado apuro
Que na pedra o teu genio se presinta.

E tu, pintor, a luz, o claro escuro,
Todas as côres e matizes pinta !
Um deus creador da vida em ti figuro
Que faz a vida com o pincel e a tinta.

Deixa o artista glorioso e soberano
Na obra d'arte — no marmore e na tela
A traça do seu genio sobrehumano.

Mas ninguem um segredo me revela :
Porque a vida fazer de pedra ou panno
Se a Natureza nol'a dá tão bella?

D. XIQUOTE

QUINTA DA BOA VISTA

A sombra das arvores

QUINTA DA BOA VISTA

O balanço

Na delegacia

O delegado ; — O objecto com que o seu aggressor o feriu na cabeça, era muito duro ?

O offendido : — Isso é que eu não sei dizer, senhor delegado.

O delegado : — Como não sabe dizer ?

O offendido : — Elle aggrediu-me de noite.

QUINTA DA BOA VISTA

A placidez do lago

O NOME DOS ANIMAES

Os animaes não nasceram já com os nomes com que os conhecemos. Isto é sabido. Elles vieram ao mundo como as crianças, despidos de tudo, inclusive do nome. E foi Adão que os baptisou.

Quando abriu os olhos no paraiso, cercado de tantas cousas novas para elle, o nosso primeiro pai se viu embaraçado. Elle não sabia como se chamavam e não era possivel poder viver daquelle modo. Chamou Eva, e combinou com ella darem um nome a cada cousa. Foi essa a origem dos lexicons.

Primeiro pai Adão poz nome ás cousas inanimadas. A' arvore deu o nome de «arvore». A' agua chamou «agua». A's flores baptisou por «flores». E tudo com tal acerto, que até hoje são os mesmos nomes empregados, apenas com a variação que se originou na torre de Babel.

Depois de pregar em cada objeto e em cada arvore uma etiqueta com o seu nome, como se usa nos museus e nos jardins botanicos, Adão descansou, tomou um refresco, e metteu-se depois a baptisar os bichos.

Não se limitou a reunir vinte e cinco, como o Barão de Drummond, mas chamou a todos de uma vez e foi distribuindo a cada um o seu nome.

Ao hyppopotamo, por causa do seu tamanho, deu esse nome que lhe assentou tão bem.

Depois passando ao visinho, um brutamonte de enorme tromba e duas grandes defesas de marfim, pensou um pouco, e resolveu chamar-lhe «elefante». O nome pegou, como não podia deixar de pegar. Com effeito era impossivel encontrar nome mais apropriado.

Chegou a vez do coelho, do macaco, do rato, do cão, do gallo, do veado.

Ao passar perto de um bacoro, que grunhia e foçava o chão, todo sujo de lama, sem a menor attenção á solennidade que se estava realisando, e sem o menor respeito para com o pai dos homens. Adão ficou irritado e disse-lhe:

— Você não sabia que hoje é dia de festa?

— Curé, curé... respondeu o bacoro.

— Como tem coragem de apresentar-se aqui neste estado?

— Curé, curé...

— Pois vá-se embora, *porco*!

— Curé, curé, curé... fez o bacoro afastando-se.

E ficou com o nome de *porco*.

Continuando o baptismo, receberam o nome o burro e os outros animaes que faltavam; e a festa se dissolveu.

De tarde Adão reuniu de novo os bichos, para tomar-lhes a lição, vêr se tinham decorado os seus nomes ou se os haviam esquecido.

— Você como se chama?

— Caxinguelê, um creado de Vossa Senhoria.

— Obrigado. E você?

— Eu me chamo zebra, para o servir.

— E você lá, de pescoço comprido?

— Girafa, ás ordens.

E assim por diante. Todos foram dando conta do recado muito bem.

Chegou por fim a vez do burro, que nessa occasião ainda tinha orelhas pequenas.

— Você como se chama? perguntou-lhe Adão.

O burro relinchou e não respondeu.

— Qual foi o nome que lhe dei? continuou pai Adão.

O burro pensou, pensou, mas nada de lhe acudir o nome.

Adão então perdeu a paciencia, e agarrando o pobre macho pelas orelhas, sacudiu-as e puxou-as com furia, gritando-lhe:

— Burro! burro! burro!...

Foi por isso que o burro ficou com as orelhas grandes.

PUCK

A ultima do Mingote

Eu tenho um amigo que possúe um menino, um diabrete de cinco annos, que o traz num cortado. E' na verdade uma creança muito galante, e o «ai-jesus» da casa, que elle traz de manhã á noite em polvorosa.

Aos domingos tenho o costume de jantar com esse amigo. Mas em vez de ser um prazer, essa visita se tornou ultimamente uma caceteação, porque tanto elle como a senhora não tem outro assumpto senão as gracinhas do Mingote. E' só: Mingote fez isto, Mingote disse aquillo; não conversam outra cousa.

No ultimo domingo lá estive. Depois do jantar retiramo-nos para a varanda, a tomar a fresca, emquanto a senhora ia para dentro, dar qualquer ordem sobre o serviço da casa.

Depois de estirados nas poltronas, o meu amigo tirou do bolso a charuteira e começou a escolher para mim um charuto. Tirou um, apertou entre os dedos, tornou a guardal-o. Tirou outro, cheirou, examinou, guardou. Tirou o terceiro e eu interrompi-o :

— Qualquer destes me serve. Dê cá esse mesmo. Não precisava tomar esse trabalho de escolher, porque embora eu goste de charutos, não sou tão exigente na escolha que um mais duro ou menos duro um pouco faça differença.

Elle respondeu que estava procurando o melhor para mim, e que era exactamente aquelle. Com effeito m'o deu, e eu comecei a fumal-o.

Não sou muito entendido em materia de charutos, mas não achei aquelle grande coisa.

Puzemo-nos a conversar, e dalli a pouco chegou a senhora. Como de costume, a palestra se encaminhou sem demora para as proezas do Mingote.

— O senhor não imagina que artes tem feito este menino — disse a mãi. — Já não posso mais com elle. E' um demoninho. Abre as gavetas, trepa nos armarios, confunde tudo. Não se pode mais ter ordem na casa por causa delle. Pinta emfim o sete. Quer ver a ultima que elle fez hontem ? Entrou caladinho no escriptorio do pai e...

Eu, para ser-lhes agradavel, era todo ouvidos ; mas o meu amigo se mostrava inquieto, e interrompeu a mulher :

— Estão sentindo como a tarde está refrescando? Felizmente aqui no Leme temos á tarde esta viração.

— E' verdade, disse eu. A temperatura está melhorando.

— Como eu ia dizendo, continuou ella, o Mingote entrou caladinho no escriptorio do pai, remecheu uns papeis, derramou o tinteiro e....

— Você tem ido ao theatro ? — perguntou o meu amigo.

— Não. Ha um mez que não entro em um theatro.

— Mas, como eu ia contando, proseguiu a senhora, o Mingote, remecheu na secretaria do pai, confundiu tudo, e misturou os charutos que elle fuma, com os que elle tem para offerecer ás visitas. E' um demonio, este menino.

E a mãi sorriu com satisfação. Eu esbocei um sorriso amarello e o meu amigo conservou o rosto grave, *pour cause*...

Depois de alguns instantes de um silencio embaraçador, atirei fóra o charuto, despedi-me e sahi.

Não sei o que se seguiu entre o meu amigo e sua mulher. E provavelmente não o saberei, porque não tenciono voltar lá tão cedo.

PUCK

GALANTEIOS REPELLIDOS

ELLE — Voltam-me os rostos... Um entendido diria :
— São *peixões que deram ás costas.*

A PRIMEIRA DO ANNO

Pontos de vista

PINHEIRO — A opinião do presidente é que a concessão pode ser dada; a cachoeira é de Paulo Affonso e o Paulo Affonso já morreu.

RIVA — Sim, alem disto o Thezouro nada paga para dar a concessão.

LAURO — Sob o ponto de vista internacional não vejo inconveniente; o Oceano nada perderá porque toda a agua irá ter a elle.

S. EX. — Tá bom...

As crianças brasileiras nas Escolas Uruguayas

Ha cerca de um anno, baseados na observação pessoal de um dos nossos companheiros que fôra ao Rio Grande do Sul, dissemos que, por falta de escolas nacionaes no municipio de Sant'Anna do Livramento, as crianças brasileiras diariamente transpunham a linha divisoria e iam frequentar as escolas uruguayas do departamento de Rivera. Noticiamos ainda que, para auxiliar a acção do governo uruguayo empenhado em facilitar a taes crianças a frequencia nas escolas do paiz visinho, fôra fundada em Montevidéo, a sociedade de *Nacionalisacion por el lenguaje.*

El Dia, o grande jornal de Montevidéo, em sua edição de 11 de Novembro do anno proximo findo, confirma as observações do nosso companheiro e mostra os progressos do hespanhol na nossa fronteira.

Desse jornal — *El Dia* — transcrevemos a seguinte noticia:

EN LA FRONTERA

Los niños del Brasil en nuestras escuelas

El señor Arias Buccelli, inspector de escuelas del departamento de Artigas, acaba de dirigir la comunicación que va más abajo, á los Intendentes de Quarahy y San Eugenio, así como á los propietarios de los saladeros San Carlos y Nuevo Cuareim establecidos en la margen derecha del rio Cuareim, en territorio brasilero.

«En sus visitas de inspeccion, — dice el funcionario referido, — efectuadas durante el actual período, el infrascripto ha consignado el dato de que assisten á las escuelas públicas de San Eugenio, como veinte escolares de ambos sexos, pertenecientes á familias radicadas en territorio del Brasil y próximas á los saladeros «Nuevo Cuareim» y «San Carlos.»

«Como los padres de esos alumnos, abonan una mensualidad relativamente crecida, á los empresarios de botes, para transponer diariamente el rio Cuareim, que nos separa, y teniendo en cuenta que esa suma, según informes fidedignos, será aumentada en breve, haciendo muy difícil o imposible la concurrencia de los referidos escolares á las escuelas de esta villa, — el infrascripto Inspector, invocando razones de elevada y sincera amistad, con nuestros estimados vecinos, los brasileros, viene á solicitar de ustedes quieran influir deferentemente ante quien corresponda, en el sentido de que se conceda la mayor facilidad posible, en su pasaje por el rio fronterizo á los estudiosos alumnos que acuden á las escuelas uruguayas, en demanda del pan de la educación.»

«Esos niños son acogidos aqui, con singular complacencia, y el que suscribe interpretando fielmente el sentimiento de las autoridades de este país, deja de ello expresa constancia en esta comunicación, poniendo de manifiesto á la vez, todo el interés que le impulsa en el éxito de esta gestión, librada desde ya á la acción laudable de los señores Intendentes de Quarahy y San Eugenio y señores Tabares, Calo, Reverbel y Mendive, propietarios de los saladeros arriba mencionados, á quienes esta nota ha sido dirigida.»

Como se vê, tambem o intendente da cidade brasileira de Quarahy, longe de crear escolas nacionaes na cidade que administra, ajuda a desviar as crianças do seu paiz para as escolas em que se ensina a lingua de outra nação.

OS INGLEZES

Os inglezes, como os padres, os estudantes e os soldados — são heróes infalliveis de anedoctas.

Elles merecem essa consagração humoristica porque realmente não ha cousa mais humoristica do que esse teimoso embezerramento a que se dá o nome salvador de fleugma.

Para pintal-o, ha o caso expressivo e conhecidissimo da mala que o inglez não quiz retirar e que só depois de longas horas de aborrecimento, quando lh'o perguntaram, declarou não ser sua.

Imaginem a situação desse inglez da mala no dia em que esbarrasse noutro inglez de igual topete ?!

No Rio Grande do Sul, em Minas Geraes e em toda a parte, os camponezes quando precisam estabelecer uma passagem permanente sobre os riachos caudalosos da matta, derribam numa das margens uma arvore que tombando para a outra orla, forma uma ponte que elles denominam pinguel.

Ora, uma vez, no meio de uma dessas pontes, o inglez da mala esbarrou num inglez de igual topete. Vinha, cada um, de opposto rumo e sendo a ponte muito estreita era necessario que um voltasse para o outro poder passar.

O inglez famoso da mala declarou que não voltava. O outro imitou-o com embezerrada convicção.

O da mala, sereno, tirou do bolso, formando um volume de 148 paginas, um numero especial do *Times* e começou a lel-o.

Impertubavel, sem o menor signal de impaciencia, o inglez que não era o da mala accendeu o cachimbo, deu uma baforada e indicando o *Times* disse ao seu compatriota :

— Quando tu acabe, mim te compra.

FOLKE-LORE

Officiaes de terra foram
Tambem na esquadra embarcados ;
Nova arma talvez resulte
D'ahi — amphibios montados.

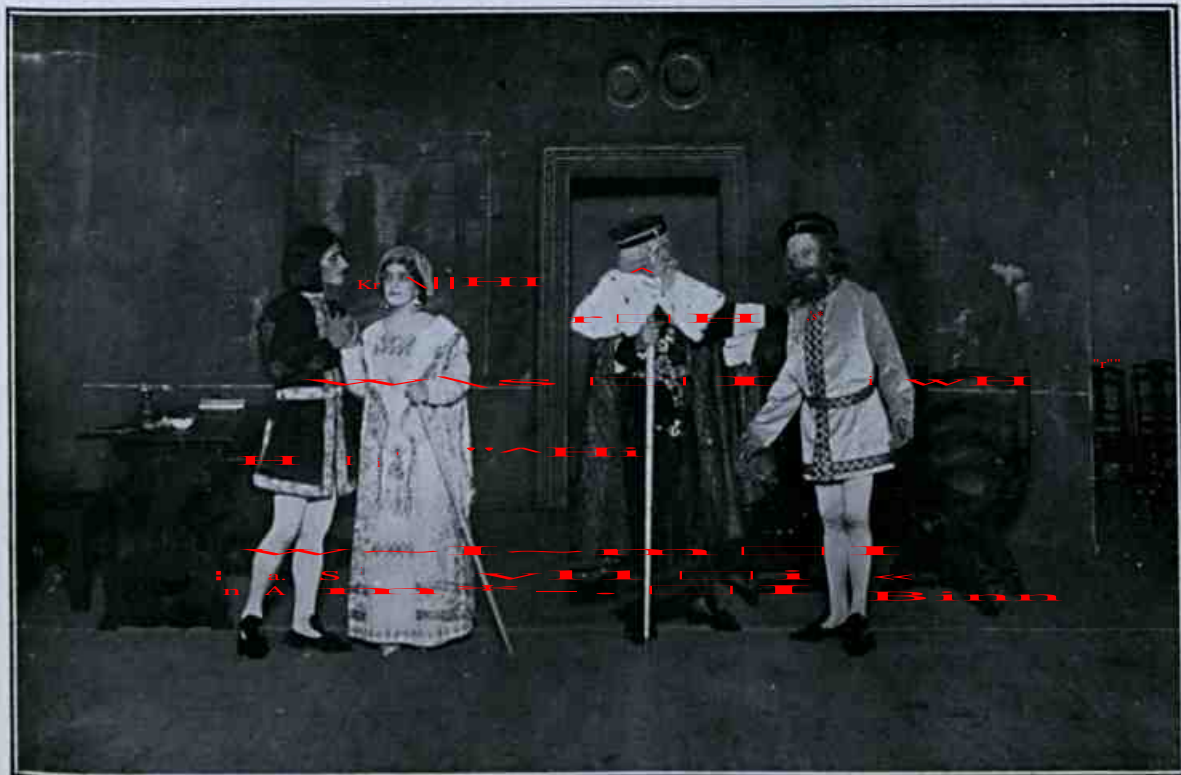
JOTA

Os argentinos vão vender á Grecia um dos seus *dreadgnouts*. Como o Brazil vendeu á Turquia o *Rio de Janeiro* pode-se dizer que foi transferido para o Mar Egeu um encontro que estava marcado para o Rio da Prata.

O coronel Gomes de Castro produzio, no Club Militar, um sensato discurso que prova ter elle recuperado as faculdades de bom-senso que parecia ter perdido.

O exercito tem sido, por esse motivo, muito felicitado.

PROVA PUBLICA DA ESCOLA DRAMATICA

Scena final de « Numa nuvem » de Goulart de Andrade

Gilberto (Sr. Antonio Sampaio), Yolanda (Sta. Brazilia Lazzaro), Duque de Toscana (Sr. Cunha Junior) e Manfredo de Lucca (Sr. Francisco Barreiros).

ARTES E LETTRAS

Os concursos publicos de habilitação a que se submetteram, de accordo com os dispositivos regulamentares, os alumnos do Instituto Nacional de Musica, attrahiram sympathicamente a attenção da sociedade brasileira, levando-a ao salão do *Jornal do Commercio* em que se realisaram aquelles artisticos torneios.

Nas provas de piano, tendo sido classificados em primeiro logar, conquistaram direito á medalha de prata, os alumnos João Octaviano Gonçalves, Branca de Alcantara Bilhar e Maria Luiza de Queiroz.

As senhoritas Francisca Nobrega de Vasconcellos e Consuelo Leal Ferreira alcançaram o primeiro premio de violino.

Sta. Marietta de Verney Campello

Nas provas de canto, mereceram as honras do 1º premio, as senhoritas Marietta de Verney Campello, Gulnar Bandeira, Manuelita Marcondes e Altair Thaumaturgo de Azevedo.

De todas as provas realisadas, as de canto foram as mais apreciadas. As senhoritas classificadas em 1º legar pertencem á alta sociedade carioca.

A Sta. Altair, filha do general Thaumaturgo de Azevedo, é de uma familia cujas damas estão brilhando pela belleza e pela intelligencia nos salões do Rio.

A Sta. Marcondes, discipula de Nicia Silva, iniciou o seu curso em Abril de 1912 e este não foi o seu primeiro triumpho.

No concurso de flauta, que foi disputado por dois alumnos, coube o primeiro premio ao Sr. Joaquim de Andrade Neves.

O Sr. Marcos José Ferreira, apezar de não ter tido concurrente na prova de cornetim, apenas conseguio um 2º premio, sendo mais feliz do que o Sr. Romeu Malta, que tambem isoladamente tocou clarineta e teve um 3º premio.

Sta. Gulnar Bandeira

A Sta. Marietta, discipula de sua irmã, a notavel cantora Maria Izabel de Verney Campello, já tem, diversas vezes, cantado victoriosamente em publico.

Filha do Sr. Esmeraldino Bandeira, possuindo as melhores relações no mundo elegante, a Sta. Gulnar veio para o concurso coroada de louros ganhos em nossos salões.

No tempo de Luiz XIV existia em França um habil cirurgião chamado Parmier, o qual era casado com uma linda mulher muito vaidosa e a quem elle adorava.

Parmier que não andava bem de finanças, via contrariadissimo approximar-se o dia do anniversario da esposa, sem conseguir a importancia precisa para comprar-lhe um precioso adereço de diamantes que mandara separar no melhor joalheiro de então.

Aconteceu, porem, que nas vesperas do dia de annos, o cirurgião foi chamado para acudir ao barão de Roiret que fracturara o joelho, cahindo de um cavallo que tomara o freio nos dentes.

Parmier verificou que a sua intervenção no caso consistia em amputar a perna do barão de Roiret, e, intimamente exultou com a idéa de que poderia com o preço do seu trabalho adquirir desafogadamente o adereço.

Voltando á casa para levar comsigo os ferros necessarios á amputação, não se conteve que não contasse á cara metade a causa da sua alegria.

— Mas, o barão é rico, meu amigo ?

— Riquissimo, meu amor.

— Então dá-me um beijo e corre, não percas tempo, Parmier ; corta-lhe a perna hoje mesmo.

Rio, tu lembras bem a minha alma de poeta,
A correr, a correr, entre margens floridas;
A minha alma bohemia, ora calma, ora inquieta...
Como conseguem ser eguaes as nossas vidas!

Eu não sei onde vou. Por grotas e descidas
Tu rolas, a seguir, sem destino e sem meta
Pelas noites de luar ou por manhãs brunidas,
Nós gememos, os dois, a mesma dor secreta...

Tens remansos de lago... Eu, dias de socego...
Levas ramos em flôr em teu dorso tranquillo...
Eu dentro de minha alma as illusões carrego...

Vences a rocha abrupta em tua caudal forte...
Eu passo pela dôr se a não venço ou aniquillo...
Tu segues para o mar... Eu sigo para a morte!

LUIZ EDMUNDO

CUBISTAS E CUBISMO

Tempos atraz no salão dos novos em Paris, appareceu um quadro, que dizendo-se pertencer a uma nova escola de pintura encontrou acolhida nos meios artisticos e foi admittido a figurar na exposição annual que fazem os ditos novos após o fechamento do grande *Salon*, do *Salon* official de que elles se dizem dissidentes até o dia em que são a elle admittidos.

Photographia do 18º jantar dos humoristas, instituido por Willette e organisado pela Sociedade dos Desenhistas Humoristas, os quaes, impressionados pelas theorias futuristas e cubistas, resolveram, nessa tarde, viver em tal atmosphera, afim de comprehenderem o que será a vida de familia nos tempos futuros.

O novo quadro não era cousa que chamasse a attenção a não ser pelo inexpressivo. Nelle não havia figuras, nada absolutamente que se parecesse com o que geralmente se costuma representar nos quadros.

Senhorita, — estatueta de Agero

Pinceladas de todas as côres cortando irregularmente a tela, confundindo-se, mesclando-se, numa variegada polychromia que a mais benevola attenção não conseguia dar intenção.

Houve entretanto entre os criticos do *Salão dos Novos* quem enxergasse na pintura qualidades excepcionaes de desenho e de colorido.

Estava ali um mestre incubado, um pintor desconhecido então mas que dentro em pouco seria fatalmente uma celebridade.

O debate sobre o quadro chamou a attenção de toda a gente sobre elle.

Debalde pessoas de bom senso diziam que ali nada mais havia do que pincelada a esmo sobre a tela. Foram xingadas de *estupidas burguezes* e o quadro triumphou

Pois bem, tempos depois uma revista parisiense revelou a origem da singular obra prima.

Em um dos arrabaldes da grande cidade latina um bando de rapazes e raparigas que se divertiam, em meio de um jantar mais ou menos regado, lembrou-se de pregar uma peça ao salão dos novos.

Fizeram vir um jumento; amarraram-n'o a um esteio; puzeram-lhe bem amarrada á cauda uma brocha, por traz do burro uma tela alva e virginal. Megulharam a brocha em uma lata de tinta e começaram a passar sobre o lombo do quadrupede, fazendo-lhe cocegas, varinhas carregadas de folhagem.

A copia, — esculptura de Agero

Attribuindo as cocegas ás moscas o pacifico animalejo tratou de enxotal-as com a cauda, e a cada

Natureza morta, — por J. Gris

movimento a brocha passando pela tela, deixava um traço; mudando de quando em quando a tinta, no fim de algum tempo toda a tela desapparecia sob a tinta accumulada e estava o quadro completo.

Retrato, — por J. Gris

Isso tudo foi constatado não só em acta firmada pelos presentes como pela photographia, e foi a grande nota humoristica de 1910.

Appareceu o primeiro quadro. Houve logo quem tomasse a serio a pretensa escola. Começaram a surgir os enthusiastas.

Marinetti deita o seu manifesto, declarando guerra a tudo quanto se fez até hoje, affirmando as bases erradas em que assentam as nossas convicções.

Os discipulos vendo que o aprendizado era facil, pois que quanto mais extravagante fosse a execução mais se approximava o autor das

Retrato de homem, — por Agero

idéas dos grão-lamas do futurismo, surgiram em massa, e Paris se deleita todos os annos vendo os horrores dos cubistas.

Algumas dessas obras em pintura e esculptura são reproduzidas em nossas paginas.

Os creadores da nova escola já tem tido seus martyres. Martyres do riso é verdade, mas nem por isso menos martyres.

Uma das nossas gravuras representa um baile debochativo dado em honra ao cubismo por um cru-rapo de pazes de espirito.

Entre nós não tem ainda proselytos a nova escola.

Natureza morta, — por J. Gris

Porque?

Porventura será o brasileiro menos corajoso do que as gentes do velho sangue europeu, na adopção dos processos extravagantes?

Cabeça de joven, — por J. Gris

Os nossos cubistas estarão preparando uma surpreza para o proximo Salão?

A Escola Dramatica

Os primeiros alumnos diplomados, na brilhante prova publica realisada na noite de 20 do corrente, esplendidamente justificaram a creação da Escola Dramatica.

Sem appoio na confiança publica, dispondo de elementos insignificantes, guerreada por motivos nem sempre dignos, frequentemente ameaçada de dissolução, a nova Escola, dirigida por uma vontade competente e tenaz, venceu as difficuldades iniciaes e conquistou o seu primeiro triumpho, legitimando a sua existencia.

Todos os elementos de que dispoz a Escola, neste trabalhoso periodo de iniciação, afóra a provada competencia directora, eram de molde a desanimar as esperanças mais teimosas.

Os alumnos que a frequentavam, oscillando entre enthusiasmos artisticos e rasoaveis temores de desconforto futuro, minguavam, ermando as aulas. Ficaram, porém, os mais enthusiastas, que eram, certamente, os melhores.

Na prova publica, representando uma comedia em prosa de Arthur Azevedo e a fantasia dramatica de Goulart de Andrade, a Escola Dramatica não exhibio artistas excepcionaes, actores perfeitos, interpretes impeccaveis das paixões humanas.

Não lhe cabe a culpa dessa imperfeição, pela qual são unicamente responsaveis os genios que não lhe levaram o prestigio da sua excepção.

Estes primeiros actores, modestos e esperançosos, demonstraram, apenas, conhecer a sua arte, seguir-lhe, como podem, as prescripções, e, no conceito geral, representaram bem, muito bem.

Entre os novos artistas que se exhibiram, alguns, nesse primeiro contacto com o publico, conquistaram-n'o, gerando as maiores esperanças.

Si dessa primeira turma de alumnos sahisse um bom artista, — um só — a Escola poderia considerar-se victoriosa. No entanto, pelo menos a trez delles o destino parece reservar os louros de uma carreira brilhante.

A senhorita Brazilia Lazzaro, interprete gentil de Yolanda, saio consagrada dessa prova.

Ella possue todos os predicados para fazer uma grande carreira. Compenetra-se do seu papel, sente a personagem, representa com convicção.

Ninguem, entre as pessoas que compareceram a festa do Theatro Municipal, esperava que os novos artistas conseguissem interessar e commover o publico e por isso, deante da correcção com que se realisou o espectaculo, traduziu-se em applausos unanimes a surpreza de todos.

A Escola Dramatica, tendo justificado a sua existencia, mostrou ser merecedora de mais carinho e mais protecção dos poderes officiaes.

Todas as artes, em nosso paiz, são magnificamente protegidas pela nação, salvo as lettras, que só possuem um faustoso palacio.

A musica tem um Instituto completo e não barato cujos melhores alumnos recebem premios compensadores; a pintura e a esculptura tem a carissima Escola Nacional de Bellas Artes com os seus uteis premios de viagem mas as lettras tem a modesta Escola Dramatica com uma dotação annual de 32 contos.

A VIDA ELEGANTE

Estamos na era agitada e alegre das batalhas de *confetti*, que até agora têm sido como as batalhas de flores em que não ha flores.

Na batalha que encerrou o anno de numero fatidico, a lucta foi tão intensa que ninguem a percebeu e todos são capazes de affirmar, sem mentir, que ella não chegou a ser travada.

A segunda batalha, realisada sob os auspicios dos reis magos, foi muito mais real. A Avenida Rio Branco e as ruas adjacentes estiveram cheias de povo. Rolaram algumas ondas de confetti. Houve bisnagadas.

O interesse principal dessa batalha, consistiu no vai-e-vem da multidão pedestre, no deslisar de automoveis repletos de pessoas e no apparecimento das primeiras *charges* carnavalescas.

Se para as bandas de Botafogo e na Avenida Rio Branco as batalhas têm sido assim desanimadas e frias, lá para os lados de Haddock Lobo, porém, tem havido enthusiasmo épico e alegria guerreira.

Ha duas ou tres semanas, todos os domingos, em Haddock Lobo, ha batalha de confetti e nunca falta ardor.

No proximo domingo, á tarde, deverá ser travada uma dessas batalhas num dos mais bellos recantos da nossa bella cidade: o jardim do Alto da Bôa Vista.

A Tijuca, sem ter a fama elegante de Botafogo, possue moças que, além de serem graciosamente elegantes, são realmente bonitas, de negros olhos vivos e sadias faces coradas.

No proximo domingo, as pessoas que forem respirar o ar fresco da Tijuca certamente encontrarão no lindo jardim do Alto da Bôa Vista, empenhadas em gentis torneios, essas galantes divindades das montanhas e das selvas civilisadas.

Distrahidamente

— Sabes, Julia, que o Arthur, hontem me fez uma declaração?

— Ora!

— Não acreditas? pois é a pura verdade.

— Mas, elle é ainda tão creança!

— E que tem isso?

— Provavelmente ainda não viu nada melhor que tu...

PASSARADA INNOCENTE

ELLE — A menina tão só!... Não tem medo das beliscadas dos passaros?

ELLA — O'.... não!... Os passaros nunca foram ao cinema.

REALIZAÇÃO DO IDEAL

No tempo em que ambos lustravamos os bancos da escola emquanto illustravamos o espirito, eu e o meu excellente camarada Aleixo frequentemente divagavamos a respeito do amor. Elle não era muito difficil de contentar; pintava-me assim a mulher que seria capaz de lhe satisfazer as aspirações: um metro e sessenta de altura, *fausse-maigre*, pelle branca, setinea, immaculada; olhos escuros e scismadores; cabellos tambem escuros, porem podendo deixar de ser scismadores; cultura litteraria acima da vulgar; gosto pela musica, perita em arranjos de casa; orphã de mãe. A idade poderia variar de vinte e dous a vinte e seis annos. Não vem ao caso dizer si eu sanccionava ou não esse programma.

O assumpto prendia-nos muito a attenção, talvez um pouco mais do que muitos compendios e tratados aos quaes o amor era assumpto absolutamente estranho. E' provavel que d'ahi proviesse o facto de nos espicharmos na sabbatina, quando na vespera tinhamos consumido o tempo com aquelle thema inesgotavel.

Concluido o curso, quiz a sorte que eu e o meu caro companheiro seguissemos em busca da fortuna por oppostos caminhos. Parece todavia que em orbitas differentes começamos a gravitar em torno do mesmo ponto. De outro modo não se explica o facto de inesperadamente nos acharmos em frente um do outro, um sabbado, na Avenida, proximo á esquina politica.

— Oh! Aleixo!

— Oh! Germano!

Abraçamo-nos com a mesma effusão com que se abraçaram uma vez, á porta do 202, o Jacintho e o Zé Fernandes. Apenas de nenhum de nós o chapéu rolou na lama (nem mesmo havia lama).

Momentos após o encontro, havia entre nós dous uma mesinha e em cima da mesinha uma garrafa e copos.

Trocamos confidencias.

Cinco bons annos se tinham escoado após a terminação do curso. Havia o que contar.

— Então, tu, solteiro ainda? — foi uma das minhas primeiras perguntas.

— Não, respondeu elle com um certo sorriso contrafeito.

— Oh! Casado! E *ella* responde a todos os quesitos que formulavas? Maganão feliz!

Elle sorriu, apenas, contrafeito, e, para disfarçar o prolongamento do silencio, serveu lentamente um pouco de cerveja.

A pergunta que eu fizera tinha-me comtudo ficado estampada no rosto. Avido pela resposta, cheguei a esquecer, no espasmo cerebral da idéa fixa, a garrafa, os copos, a mesinha, a Avenida, o Rio de Janeiro, o orbe terraqueo. O proprio Aleixo eu o avistava muito longe, através de uma nevoa. O que avultava aos meus olhos era *ella*... Eu tinha-a diante dos olhos: um metro e sessenta, *fausse-maigre*, cabellos scismadores, orphã de mãe. Sim, ella, conjuncto de perfeições, que o Aleixo descrevia, lento, solenne, quasi sacerdotal.

— Então? — perguntei, afinal, voltando a mim.

O pobre Aleixo não teve remedio. A muito custo, muito mastigada, entremeiada de reticencias, arranquei-lhe a descripção da mulher a quem elle dera o seu nome: tinha de altura um metro e cincoenta e um e de peso setenta a oitenta kilos; morena, trigueira mesmo; absoluta ausencia de scismas nos olhos; dos cabellos tres quartos eram de uma côr indecisa e um quarto inteiramente brancos; nunca lera o Camillo, nem o Lamartine, nem o Alencar; detestava a musica; tinha mãe.

Si não fossem as presilhas anatomicas, o meu queixo teria cahido no passeio da Avenida.

— Caramba! Mas como pudeste tu, Aleixo, depois de tão resolvido a não acceitar sinão o teu ideal!...

— Seu Hermes, esse Jangote é um cavador de primeirissima, não acha você?
— Não sei, elle é meu mano e eu sou incapaz de um vituperio.

— Vou explicar-te francamente, disse-me elle, então num tom resoluto; e approximou da minha a sua cadeira de ferro.

Avancei, por meu turno.

— Lembras-te bem, perguntou-me elle, da descripção que eu fazia da mulher pela qual seria capaz de apaixonar-me, não é assim?

— Lembro-me, perfeitamente; sou até capaz de repetir tudo.

— Não; não é preciso. Pois bem: eu não deixei de me conservar fiel a esse ideal; ao contrario, accrescentei-lhe mais uma exigencia, fortissima.

— Qual foi?

— Espera. Accrescentei-lhe uma exigencia fortissima, tão forte talvez como todas as outras reunidas, si não mais.

— E d'ahi?

— D'ahi é que a mulher com a qual me casei foi a que mais se approximou do meu ideal.

— Como? perguntei espantado.

— Muito simplesmente: nunca encontrei o typo que te descrevia, mórmente depois de accrescentada a nova exigencia, emquanto que minha mulher satisfaz plenamente a esta, embora não realise o typo por mim sonhado.

— Mas, com seiscentos diabos, qual foi essa nova exigencia?

— Duzentas apolices de dote.

G.

FIGURAS E COUSAS DE OUTRAS TERRAS

Gounod, o compositor genial que musicou o poemeto *Mireille*, do trovadoresco Frederico Mistral, de quem foi grande amigo, no dia 7 de Setembro do anno passado, teve o seu busto, trabalhado em marmore pelo esculptor Mercié, festivamente inaugurado na villa de Saint-Remy-en-Provence, situada a algumas leguas de Tarrascon, a patria famosa de Tartarin. O illustre e já velho Mistral vive, em sua terra, adorado como um idolo e como elle, Gounod recebe os incensos do mesmo culto. Todos os sitios habitados, visitados ou vistos por

GOUNOD

Gounod durante a sua curta permanencia na encantadora villa, estão assignalados por placas. Na rua Carnot, por exemplo, ha uma casa em que se collocou um placa recordando, em lingua provençal, que «nesta casa, pela primeira vez, Charles Gounod interpretou a partitura *saint-roumieresque* de *Mireille*.» Essa inscripção é notavel, alem do mais, por que revella, nessa singular expressão *saint-roumieresque*, o orgulhoso bairrismo dos filhos dessa pequena villa de Provença. A primeira representação de *Mireille* teve logar no Theatro Lyrico de Paris, na noite de 19 de Março de 1864 e a heroina que Mistral creou e Gounod adoptou foi, com applausos, interpretada pela artista Sra. Miolan-Carvalho.

A entrega da Gioconda á França revestiu-se de toda a solennidade e houve discursos cheios de sincera compuncção artistica e o acto revestiu-se de um aspecto digno das eras do Renascimento, quando Julio II e Leão X curavam mais das coisas de arte que da salvação das almas.

O Sr. Barrere embaixador francez chorou de commoção; o quadro foi examinado em seus minimos detalhes: era Mona Lisa, era a mesma, não havia mudado.

— Perdão, observa um artista italiano; noto-lhe uma tristeza no seu doce olhar mysterioso; é a que lhe vem da pena de abandonar o lindo céo de Italia.

RETICENCIAS...

Contra a nudez, deliciosa chroniqueta de Montalvão n'*O Paiz*, resume subtilmente, em columna e meia de dialogo pariziense, entre artistas, as tendencias observaveis na moda feminina de hoje.

Os commentarios, inspira-os *La Phaline*, de Bataille... *Thyra*, a protagonista da peça escandalosa, devia morrer em belleza patenteando a sua melodiosa nudez diante do publico, em vez de succumbir nos bastidores, depois de revelar sem véos a alguns amigos o mysterio do corpo perfeito ?

Transcendente questão... Em Pariz, á vista da *robe fendue* e do tango, na ebriez esthetica produzida pela graça omnimoda das mulheres, a tonteria dos artistas permitte o vaticinio do nú a ostentar-se opulento e soberbo como outr'ora.

Mas, trata-se evidentemente de um equivoco.

O homem moderno não supportaria a castidade olympica e o divino esplendor da nudez integral.

O pintor Boldini disse a palavra cruel que define a nossa psychologia amorosa : — a Venus de Milo, senhores, é uma maritornes de uma decencia implacavelmente burgueza... A Santa Thereza de Bermini, que tentadora nas suas roupagens devotas !

Sedas e rendas, rendas que denunciem, sedas que façam advinhar e, com isso, movimentos serpentinos, clarões fugazes de carne encoberta : eis o que os homens, cujo desejo impõe a moda ás mulheres, exigem da moda...

Ai ! o cinto de Venus faria uma triste figura entre os tecidos diaphanos da *rue de la Paix*, e não causa extranheza ouvir de Rodin a affirmativa de que não trocaria as deliciosas dansarinas satanicamente veladas do seu restaurante pelas esculpturas *mortas* que o seu veneravel collega Phidias esculpiu na Acropole...

Pensa-se assim em Pariz. Pensa-se ? Não ; é outro o verbo a empregar, verbo que talvez ainda não exista para exprimir esse *estado de consciencia*...

A verdade, leitores, a triste verdade é que o homem envelhece. Assistimos á agonia do amor. A belleza pura e simples, a belleza incontestavel, tangivel, perdeu o seu encanto e o seu poder. Não ha mais corações : ha nervos cançados, enfermiços, que pedem, para rapidos espasmos, o estimulo das attitudes ambiguas, a graça canalha, os acres amavios de *cabaret*, as reticencias impudicas dos vestuarios picantes.

Se a mulher reagisse, em defesa da sua formosura sacrificada e do seu corpo maculado ?

Seria vencida...

O homem, neste cyclo de negocios, de um utilitarismo dissolvente e de uma vil mediocridade, perdeu o senso do ideal. O bello feminino é uma harmonia quebrada, uma reminiscencia esbatida entre os vagos restos sagrados da idade do marmore... Linda, saudosa idade ! Não conhecia decerto a *robe fendue*, nem a saia calção, nem o *Pas de l'Ours* ; mas exigia á mulher, modelo de deusas, mais que a mentira de velludo e seda destas pobres linhas de carne torturada e polluida.

Era a épocha do amor : imperavam Diana e Venus...

GUYS

Folke-lore

Em duello se andou fallando,
Mas a policia impediu ;
Dos duellistas de certo
Nenhum foi que a preveniu...

JOTA

De Juiz de Fóra, com a sua notavel fama de jornalista notavel, o nosso caro confrade Dr. Francisco Valladares trouxe para a Chefatura de Policia da nossa faustosa capital, uma carga pesada de bôas intenções.

Manda a justiça dizer, e nós o dizemos com alegria, que no pequeno espaço de tempo da sua apenas iniciada administração, o notavel jornalista já fez mais, muito mais, do que fez o Sr. Belisario Tavora em seus longos annos de inercia.

Agora, porém, o notavel jornalista ordenou medidas pudibundas que contrariando o bom senso, offendem sensibilidades honestas.

No dizer de uma folha matutina, o lettrado chefe, por motivos de esthetica pudecente, deseja que os banhistas de Copacabana tomem o seu mergulho gravemente enfiados em sobrecasaca preta, tendo no cocuruto rutilantes cartolas de dous andares e oito reflexos.

Quer, além disso, a eminente autoridade, isto é, não quer que as damas residentes n'aquelle bairro ou as que o visitem, sentem-se, á noite, nas areias das praias.

Não se comprehende o alcance de taes medidas.

Parece que o Dr. Belisario deixou o gabinete do chefe de policia tão impregnado do seu aura, que o seu substituto, sem o saber, toma as providencias carolas que aquelle beato concebeu e não chegou a transformar em ordens francas.

JARDIM ZOOLOGICO

Caceres, o andarilho uruguayo, realisando uma corrida a pe

INSTANTANEO

No Jardim Zoologico

DIALOGO DA EPOCA

A crise actual alastra os seus effeitos por todas as camadas sociaes, produzindo alterações dos habitos de vida. Os criados estão competentemente industriados para attenderem com as devidas cautelas as pessoas que vêm á procura dos amos, especialmente nos principios de mez.

Por isso são communs hoje dialos como este.

Um cavalheiro chega em frente a um palacete elegante do bairro de Botafogo e aperta o botão da campainha. Chega um creado bem posto e pergunta :

— Que deseja o senhor ?

— Não é aqui que reside o Dr. Fulano ?

— E', sim senhor.

— Eu desejava falar-lhe.

— Pode dizer o que deseja.

— Eu precisava falar-lhe pessoalmente.

— Sobre que ?

— Sobre uma conta...

— O patrão subiu hontem para Petropolis...

— Que massada ! Eu queria pagar-lhe...

— ... mas desceu esta manhã.

Em vista deste dialogo, que soffre modificações de uma casa para outra, e que serve de mediador plastico entre os visitantes e os donos da casa, ficam aplainadas as difficuldades. O criado cumpre o seu dever de cerbero, o patrão não fica arriscado a visitas incommodas e a visita tem garantida a sua entrada na casa — quando é para pagar.

P.

Uma cascata do Brasil na França

O habil photographo Musso, com a sua reconhecida aptidão para as artes de reproducção, nos ultimos tempos tem se consagrado á cinematograhia, organisando alguns dos melhores *films* nacionaes.

Musso cinematographou algumas paysagens e sitios do Brasil e com grande felicidade, ou habilidade, apanhou uma linda cascata de Therezopolis.

Vendendo para a França alguns dos seus *films*, Musso vendeu-lhe a bella cascata de Therezopolis.

Passaram-se alguns mezes.

Ha dias, Musso entrou num cinematographo para ver uma fita franceza.

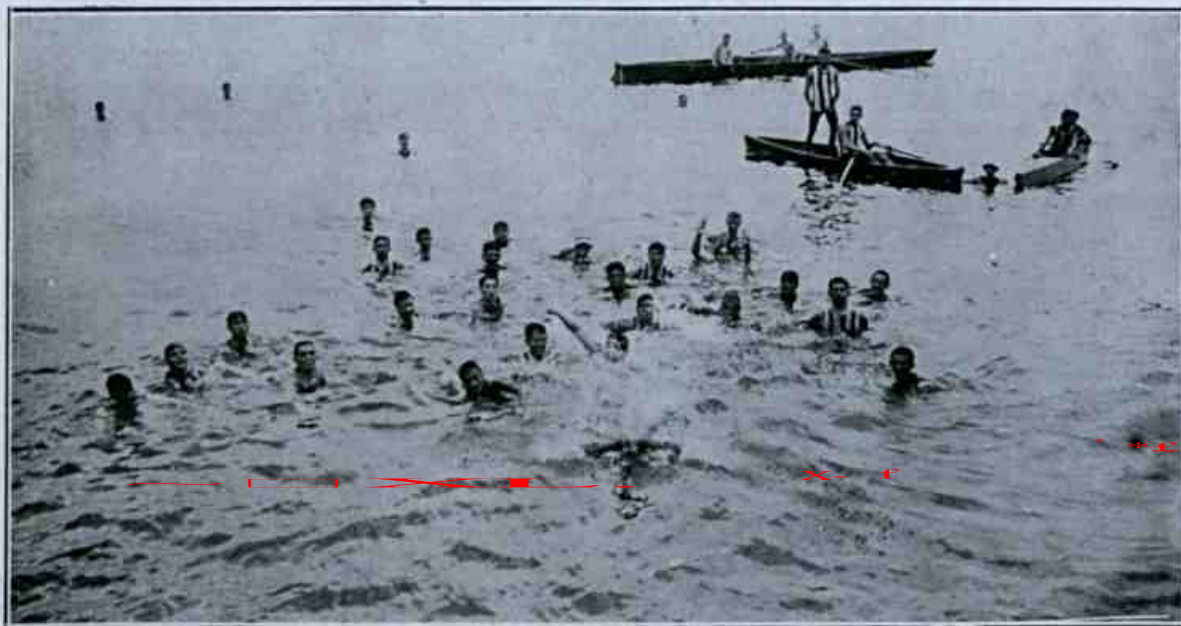
Na tela branca, a fita franceza, desdobrando um drama francez, exhibia cidades e campos, aguas e céos de França. Musso olhava, contente e de prompto aos seus olhos espantados surgio, engastada na terra franceza, a sua cascata brasileira — a linda cascata de Therezopolis.

Os francezes, ao que parece, continuam a não ligar a minima importancia a estas generosas terras latinas que elles expressivamente chamam — *la bas*.

Quando adquirem paysagens da India, da China ou da Africa, os cinematographistas francezes arranjam esses pittorescos e absurdos dramas indicos, chinezes ou africanos em que as approveitam.

Adquirindo, porém, paysagens e vistas do Brasil, patrioticamente, á custa das bellas terras desconhecidas do Brasil, enriquecem a belleza das terras de França, dotando-as no cinematographo com as cascatas tropicaes que ellas não possuem.

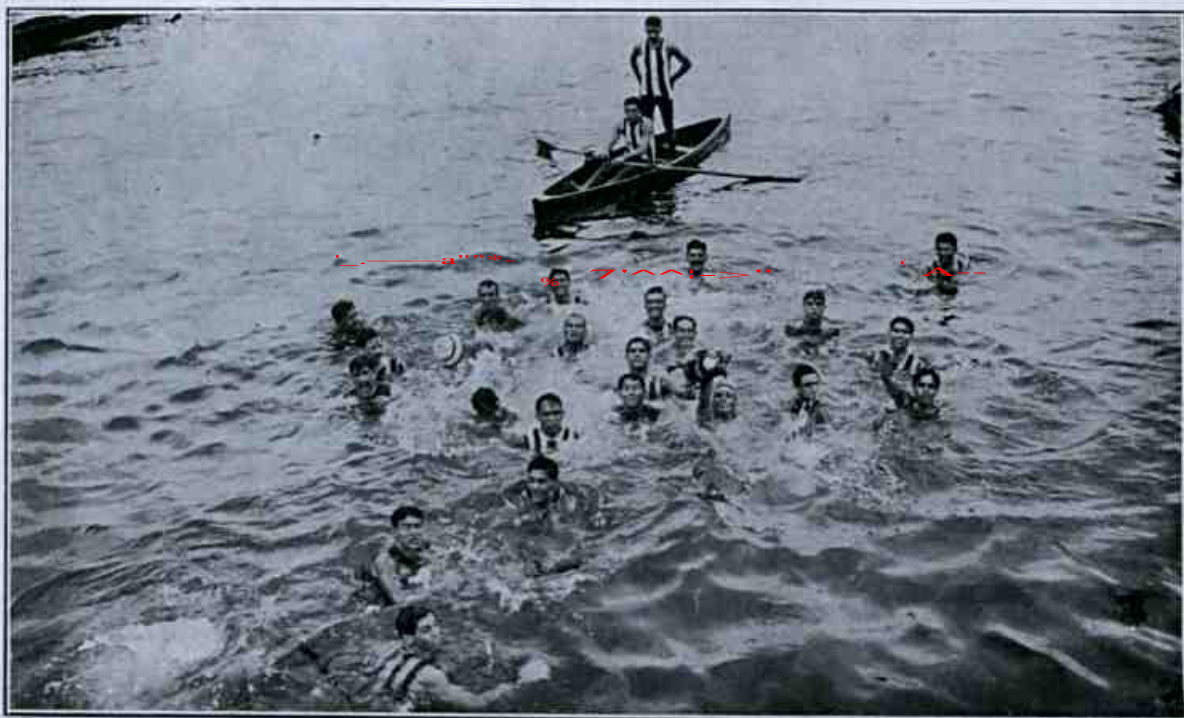
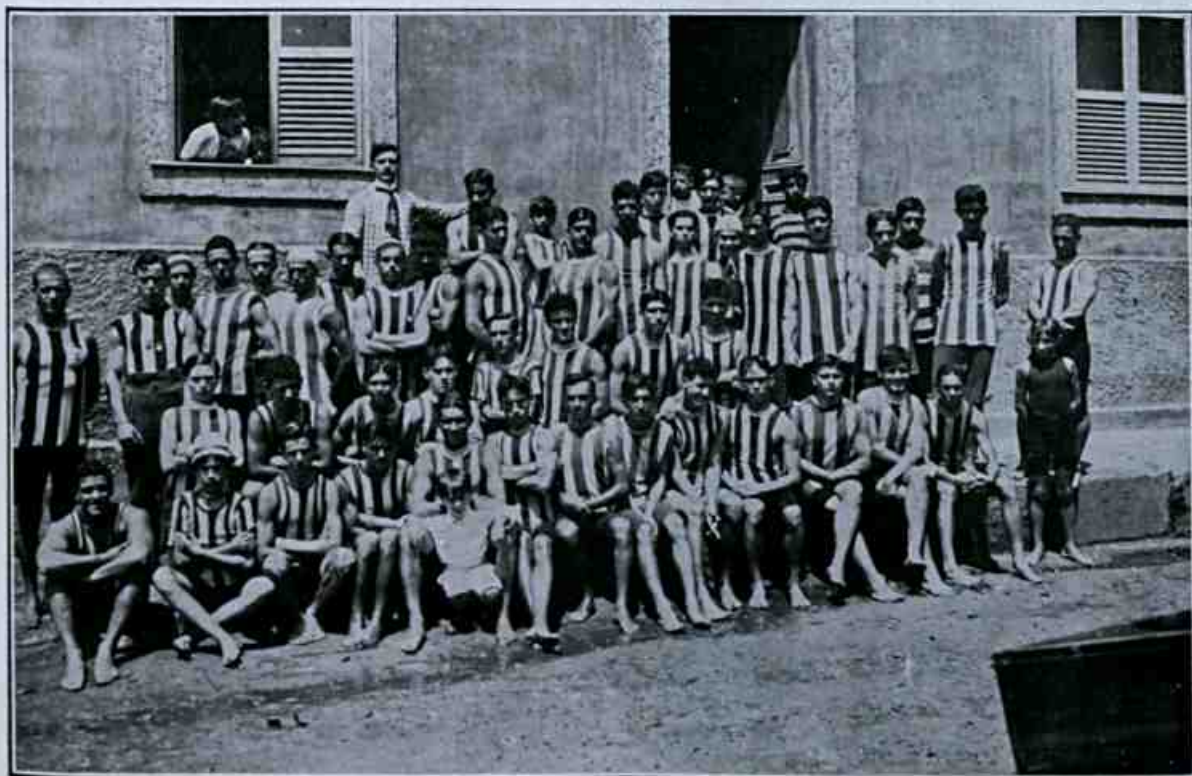
Esse facto demonstra que já não nos podemos fiar no cinematographo e que quando sahimos de nossa casa para ver, na tela reflectora, um lindo recanto de Provença estamos arriscados a contemplar um bello trecho da Tijuca.

Club Internacional de Regatas

A pega do pato, em Santa Luzia

A *oratoria sacra* exercitada em nosso paiz por emeritos padres que desconhecem a nossa lingua, está alegrando com esfusiantes notas burlescas a magestade triste das egrejas. Os loquazes padres extrangeiros sobem ao pulpito ou assomam aos degráos do altar e com a audacia de quem confia na larga benevolencia tolerante ou na immensa ignorancia do auditorio, começam a deturpar os textos sagrados no manejo inhabil de uma lingua que lhes sáe impura e maltratada dos labios. A primeira consequencia dessa oratoria, é a desmoralisação dos sermões, que legitima a crescente desattenção com que os escuta a massa numerosa dos crentes. Além de prejudicar a Igreja, taes pregadores prejudicam o paiz e servem á ignorancia, fomentando o desrespeito á lingua nacional e dando um exemplio grave de que não é necessario estudal-a. Os padres brasileiros, que entre os seus antepassados espirituaes contam o eloquente Monte Alverne, por muito inferiores que, pelo talento ou pela cultura possam ser aos extrangeiros, melhor do que estes, pelo simples conhecimento da lingua, traduziriam as verdades evangelicas e espalhariam os conselhos piedosos. Os padres extrangeiros, que já se apropriaram das communidades religiosas, bem podiam deixar o pulpito aos sacerdotes nacionaes.

O bispo de Silke suspendeu de ordens o abbade Lemire, deputado francez ultimamente eleito vice-presidente da Camara franceza.

Se Pariz vale uma missa, terá dito com seus botões o abbade, a vice-presidencia da Camara vale bem o direito de celebral-a.

Club Internacional de Regatas

Notação

Vencedores de todas as provas

* * * Os néo-parnasianos, quando estudam e praticam os processos dos mestres do Brasil e de França, são comparaveis aos poetas que erigiram a obra de Mallarmée em biblia d'arte. Aquelles e estes merecem os mesmos louvores ou as mesmas censuras. Uns e outros são, em materia de technica litteraria, simples discipulos sem merito de innovação. Exemplifiquemos : — o Sr. Mario Pederneiras, quando, atravez de Alberto Ramos, imita poetas de França, por excellente que lhe sáia a obra, não faz trabalho pessoal, porém produz acceitavel imitação. Talvez, um dia, em nosso paiz, aos impulsos de algum genio, surja uma arte original, denunciadora de uma personalidade singular. Por emquanto, só temos obras poeticas vasadas em velhos moldes, embora existam pretenciosos, ou ignorantes, que se supponham descobridores da polvora.

Folke-lore

Na central vae aos pouquinhos
Serenando o vendaval;
O conde já não dá passes,
Seja por bem ou por mal.

JOTA

Ribeirão Preto

Cicinha do Nascimento com o seu cãosinho

Archivo Universal

Um chefe fillipino, curioso e aterrado, ouvindo o phonographo.

O phonographo está desempenhando um papel de grande importancia na civilisação das ilhas Fillipinas.

Essas ilhas estão cheias de indigenas que, como os nossos avós do tempo de Pedralvares ou os nossos primos que conversam por meio de buzinas com o coronel Rondon, usam tanga e cocar. Conta-nos uma revista ingleza os beneficios do phonographo aos fillippinos, mais ou menos nestes termos.

Quando os norte-americanos, depois da guerra á Hespanha, tomaram posse das Fillippinas, os indigenas mostraram tão pouco interesse pelo novo governo e pelas novas leis, que foi preciso submettel-os a um regimen severo de vigilancia policial.

Um official da *Philippine Constabulary* pensou, então, em recorrer ao phonographo para mostrar aos indigenas, de modo sensivel, a superioridade dos norte-americanos.

A primeira audição foi um espectaculo que ficou memoravel nos annaes ilhéos : ouvindo os sons articulados pela machina de falar as mulheres, gritando, fugiram sem os seus filhos, emquanto os homens as imitavam ou davam-lhes o exemplo.

A ingenuidade de uma rapariga que não tendo noção de perigo não fugio e, risonha, cheia de curiosidade, metteu a mão na trompa do apparelho, tornou possivel a volta dos indigenas.

Seguiram-se outras audições e começou a subir o prestigio do «grande branco.»

Hoje, olhado como um idolo, o phonographo presta aos fillippinos muitos serviços de ordem pratica. Si, por exemplo, um indigena, apossando-se indevidamente do arco de outro, nega-se a restituil-o ao proprietario legitimo, basta uma ordem phonographica para que o direito seja acatado. Assim têm sido reguladas, entre os indigenas, graves questões domesticas.

ARCHIVISTA

Aggravação da morte

Porque não confessar? Eu tenho um medo immenso
De esticar o pernil, em plena juventude
Ou mesmo quando a idade o meu vigor transmude
Em cansaço senil e em amargo bom senso.

Morrer! Que espiga! Quando em tal acaso eu penso,
Inunda-me um suor espesso como grude,
E é com intimo horror que fito quem allude
Ao mergulho final e não ensopa o lenço.

Que seria de mim, pois, si alguem predissesse
Que, ainda a respirar, de uma extranha mixordia
Será mister que a carga em pleno bucho eu tome?

Aos céus enviarei de ora em diante esta prece:
— Deus, meu Pai, si de mim tendes misericordia,
Não me deixeis cahir na casa desse nome!

JEAN GRIMACE

A imprensa franceza continúa a occupar-se dos negocios do ministro Caillaux e dos legados que elle tem a receber inclusive do Brasil.

Obra dos socialistas, está-se a ver; estes receiam que Caillaux tornando-se grande capitalista não mais se occupe do imposto sobre os rendimentos.

Nas buxas

Um individuo de origem nobre, que fazia grande questão de seus pergaminhos, estando arruinado, foi propor um negocio a um capitalista que lhe votava grande antipathia.

O capitalista ouviu-o tranquillamente, e quando chegou a sua vez de falar, negou-se-lhe terminantemente a dar lhe auxilio material.

A discussão azedou-se e houve troca de phrases pesadas.

— O senhor sempre mostra de onde veio. E' um grosseiro incapaz de tratar com gente fina.

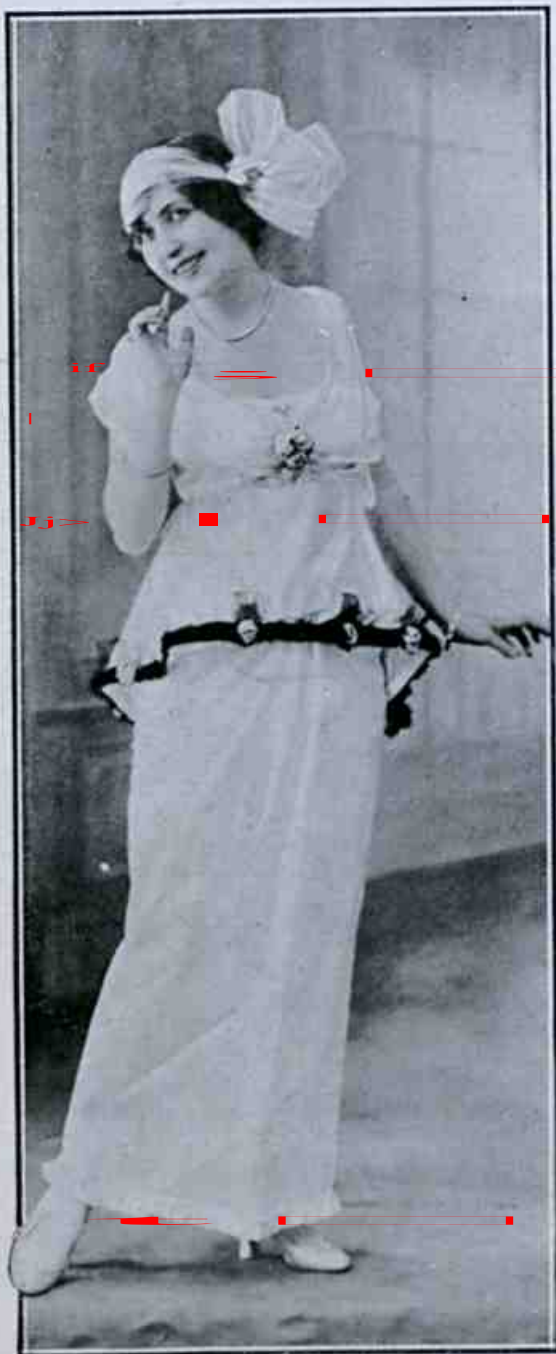
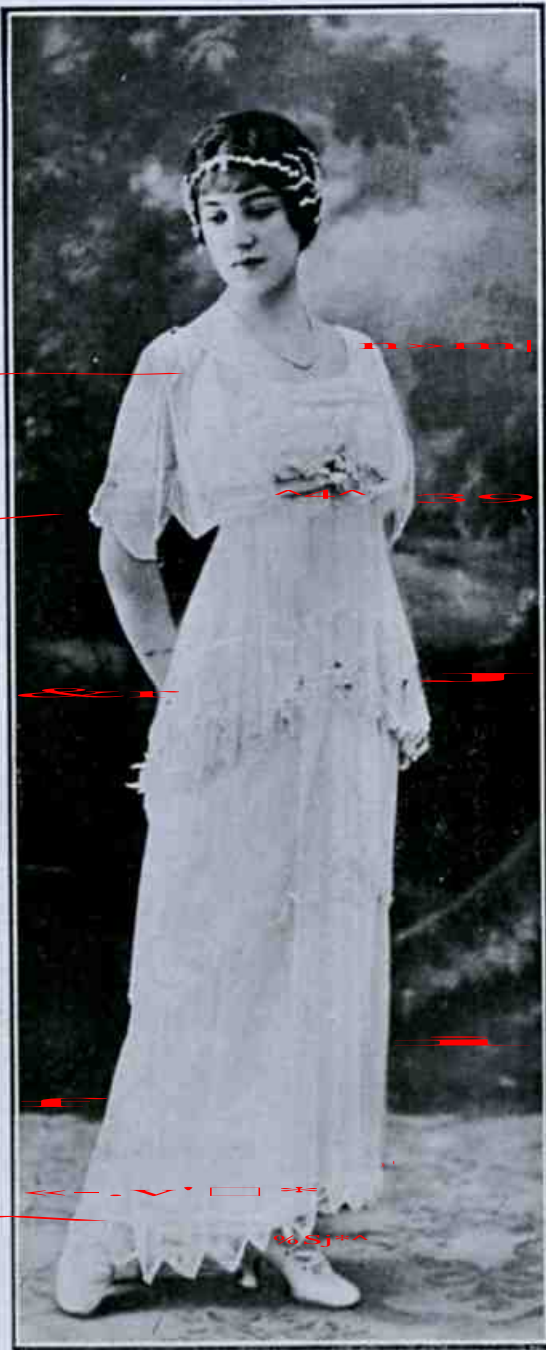
— E o senhor o que é?

— Eu sou um homem de *qualidade*.

— Pois eu valho mais; sou um homem de *quantidade*. Eu não preciso do senhor, e o senhor está aqui porque precisa de mim.

COMPARAÇÃO INVOLUNTARIA

ELLA — O'.... Polycarpo!... Que miseria! Dá uma esmola a esse pobre diabo...
Nem ao menos tens pena dos *teus semelhantes*.

As artistas e as modas

Mlle. Gaby Boissy

Mlle. Andrée Bory

MODELOS D' "A BRAZILEIRA"

Largo S. Francisco de Paula, 38 a 42

1º — em crepon estampado, gravata de setim 56$000.

2º — em crepon espesso, grande moda..... 115$000.

3º — em toile éponge moderno 86$000.

4º — em cachemire de seda, bordado a mão.. 242$000.

Da bellissima variedade de vestidos modernos que "A BRAZILEIRA" expõe actualmente, destacamos os 4 modelos presentes, em cujos preços acima marcados são feitos descontos de 20 a 30 % até 31 deste mez.

Falando ao enamorado

Tu, que inda crês no amor, pensa um instante
E verás que esse estranho sentimento
Que te contrista o vário pensamento
E te faz triste e pallido o semblante,

E' um tributo ao teu proprio valimento :
O amor de ser amado, sendo amante,
Vaidade de maior sentir-se, deante
Dessa que é o teu cuidado e o teu tormento.

Feição mais nobre (ou menos vil) do egoismo,
O amor é um sentimento subalterno
— O orgulho de invadir almas alheias.

Desce dos corações ao fundo abysmo
E, então, verás que o proprio amor materno
E' amor do proprio sangue em outras veias.

BASTOS TIGRE

O *Diabo a Quatro*, a alegre secção do *Jornal* da tarde, publicou ultimamente allusões humoristicas á eterna juventude do ministro da Agricultura que este consegue obter em vidros de agua de Juventa chimicamente pura.

Por causa disto (das adhesões) e mais de umas referencias trocistas á falta de dedo do Dr. Edwiges para negocios agricolas, foi demittido do cargo que exercia no ministerio o indigitado auctor das troças do *Diabo a Quatro*, o humorista Fontoura Xavier.

De onde se conclue que o ministro, ennegrecendo a muque os seus bigodes anciãos, exige que os funccionarios da Agricultura finjam acreditar na authenticidade de sua immorrivel juventude e na existencia material e palpavel dos seus dedos ausentes.

Entre rapazes

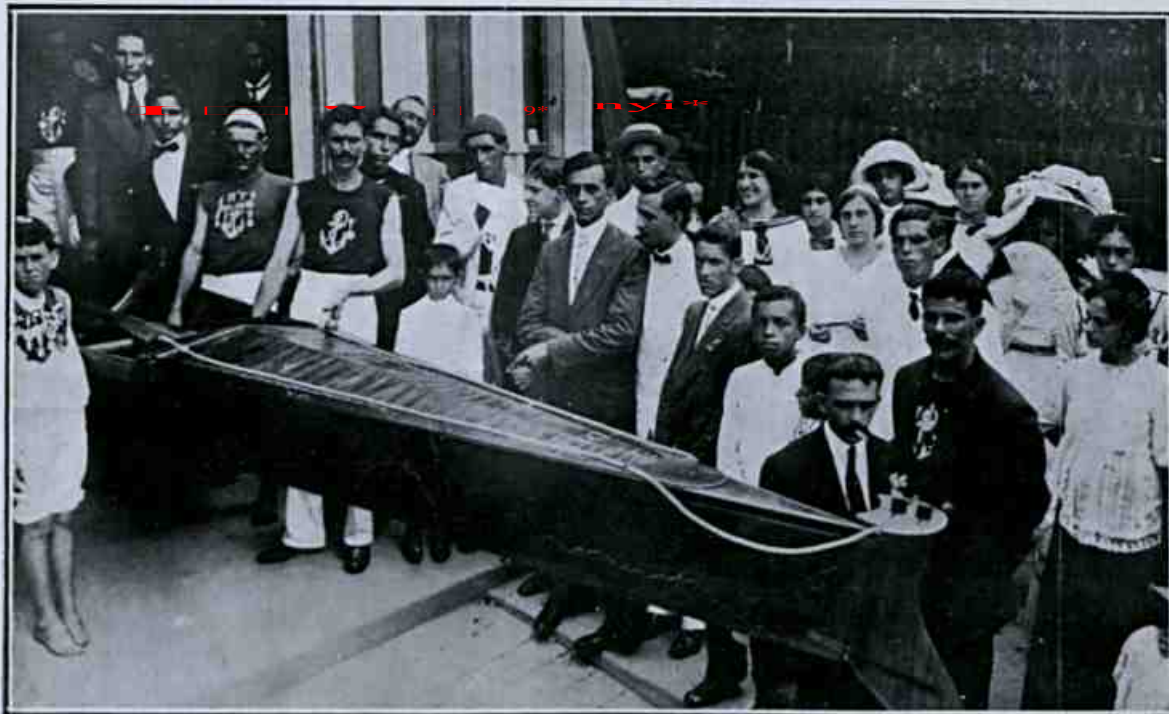
— Estou convencido de que quanto mais o homem se approxima da natureza, mais feliz é.

— Sim ; mas tu não dizias isso ante-hontem quando escorregaste em frente ao Jeremias e déste com as costellas na beira da calçada.

Depois de escrever um capitulo do seu livro sobre Psychologia dos homens casados, o philosopho que descera ao mais fundo dos arcanos da alma masculina pede um copo d'agua a mulher.

Esta, que não está disposta a encommodar-se, olha-o fixamente e assegura : positivamente você não se conhece.

E talvez ella tivesse razão.

CLUB DE REGATAS JARDINENSE

Baptismo do barco "Jardinense", na Lagôa Rodrigo de Freitas

EPITAPHIOS CELEBRES

O epitaphio de Benjamin Franklin, composto por elle mesmo, diz assim, textualmente:

«Aqui jaz, entregue á acção dos vermes, o cadaver de Benjamin Franklin, impressor, como as capas de um livro velho cujas paginas foram arrancadas e raspados os seus titulos e adornos. Mas nem por isso se perderá a obra, porque tornará a ser dada á luz, como elle acreditava, em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo auctor.»

Toda a gente sabe que Franklin foi impressor na sua mocidade.

O de Robespierre foi, por um critico, assim composto:

«Passante, não chores a minha morte; se eu vivessse, tu não existirias.»

Parmantier não tem epitaphio. Em redor da sua sepultura cultiva-se constantemente um pequeno terreno semeado de batatas.

A homenagem não pode ser mais eloquente.

No cemiterio de Barcelona ha um epitaphio curioso, redigido em catalão, e cuja traducção é a seguinte: «Chamei-me José Verneda. Sem doenças nem males de especíe alguma, vivi robusto e alegre por espaço de setenta e nove annos. Certo dia cahi doente e fui visitar um medico, cujo nome tenho a caridade de não citar. Receitou-me um vomitorio; disse-lhe que não queria tomal-o, replicou-me que me curaria; cedi finalmente, tomei-o e deixei de existir no dia seguinte.»

Agora um do genero comico:

«Aqui jaz D. Ramon de Arguera, que falleceu na edade de oitenta e quatro annos. Desde o dia do seu fallecimento, conta o ceu mais um anjo.»

ESTUDANTES...

— Era ali a *republica*, n'aquelle sobrado velho, que outr'ora, nos bons tempos de Ouro Preto, foi uma excellente vivenda...

— Bons tempos, murmurou o Queiroz, recostado ao parapeito da janella, em quanto nós ambos soltavamos fumaradas cheias, em uma prosa de amigos.

O Queiroz, estudante chronico de Ouro-Preto, onde vio succederem-se gerações de academicos, surgio na republica onde eu ficara só n'aquella tarde, em pleno goso de uma somnéca, estirado na cama em uma indolencia preguiçosa.

N'uma das melhores passagens do somno delicioso a que me entreguei após o jantar e a debandada dos companheiros de *republica*, fui despertado pelo vozerio do Queiroz, que se atirou á pacatez do meu pobre quarto anarchisado, na ancia de um *bond* com alguem que apparecesse! E realmente, em poucos momentos, nós ambos, recostados á janella do meu quarto que dava para a rua, monologavamos sobre os bons tempos de Ouro Preto, que aliás só o Queiroz conhecera.

Eu, que só vim a conhecer Ouro-Preto nos dias em que o Queiroz já lhe evocava o passado em reminiscencias longinquas, acabei ouvindo-o attenciosamente, mettido dentro de um sobretudo velho e soltando boas fumaças do meu bello cigarro de dois tostões o maço...

Era ali a *republica*, proseguiu o Queiroz, n'aquelle casarão antigo. Quando elles para aqui vieram, já ninguem morava ali, bem tempo havia na occasião.

Era uma casa onde uma familia inteira extinguio-se tuberculosa, morrendo um por um, atacados todos pela molestia horrivel. E a casa desde então ficara abandonada. Ninguem a queria e todos a encaravam como o espectro da morte, fechada e sombria, como um antro de infecção detestado por toda a população da velha cidade..

Pois foi ali que elles fundaram a *republica*! Uma noite, com uma algazarra infernal, abriram-se as janellas e portas do sobrado tetrico, jorrando luz para todos os lados, com admiração e pasmo de quantos lhe conheciam o passado funesto! E na manhã do dia seguinte, n'uma enorme taboleta amarrada ás sacadas do predio, lia-se a seguinte inscripção:

Republica «Bacillo de Koch.»

PAULO SERENO

No Morro da Graça:

— E' veso antigo dos meus adversarios attribuirem-me intuitos que nunca tive.

Agora, inventaram que me lembrei de fazer o Edwiges ministro da Agricultura para metter figa ao Nilo.

Ora, para metter figa, nunca me lembraria do Edwiges e sim de alguem que tivesse a mão *direita*.

Vantagens da arte medica

Nem todos os pintores podem ser Rafaels ou Murillos. Mas exige-se na pintura, como em todas as artes um minimo de talento, sem o qual é certo, garantido, o insuccesso.

O pintor X, como muitos outros, não tinha esse minimo de talento, mas persistia em borrar telas, sem querer largar o pincel.

Depois de muito labutar, sem conseguir vender os seus quadros, e sem alcançar o menor successo com as suas exposições (por inveja, segundo dizia) resolveu abandonar as tintas e passar ás tinturas.

Hoje nada ha mais facil do que mudar de profissão, depois que a «lei organica» acabou com todas ellas; ou franqueou todas a quem quizer exercel-as, o que é a mesma cousa.

O nosso pinta-monos foi á universidade de Terontilli, tirou uma carta de medico em cinco minutos, por sessenta mil réis, pregou a taboleta na porta e começou a abastecer os cemiterios.

— Que é isto? disse-lhe um collega encontrando-o. Então você largou os pinceis?

— E' verdade.

— E agora, que está fazendo?

— Sou medico.

— Medico?

— Sim. Sou medico como os outros. Hoje não ha mais privilegios.

— Mas porque escolheu você a medicina?

— Porque a nossa arte tem muitos precalços. Na pintura, que é coisa que se vê, todos os erros ficam expostos, ficam patentes; ao passo que na medicina elles ficam escondidos para sempre, com um pouco de terra por cima...

P.

UMA CARTA

Recebemos a seguinte carta:

«Sitio Caiçára, São Sebastião da Costa do Mar, Estado de São Paulo, 27 de Agosto de 1913.

Illustre Sr. Redactor e Director da apreciada *Careta*.

Desgostoso com a posição assumida pelos parédros politicos do meu Estado natal, rogo-vos inserir na mais bella pagina da vossa inegualavel *Careta* a minha inspirada profissão de fé politica:

> Sou hoje — o que hontem fui,
> Jamais mudarei de cara;
> — Si tudo me une ao Ruy
> Nada d'elle me separa!

Vosso constante ex-corde e amigo

Benedicto Pinheiro da Fonseca Barboza.

Sachrystão-secretario da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Ararat.

P. S. — Não vos remetto meu retrato porque o alfaiate não aprompptou minha roupa nova e eu quero que elle saia bem limpo e novo.

Benedicto»

Um Calçado
SPORTMAN
Vendido vende outro
PORQUE ?...
Pela sua durabilidade, e pela anatomia da forma que confortabilisa "in totun" o pé.
SPORTMAN
Deposito da Fabrica
25 RUA OURIVES
52 Avenida Rio Branco
RIO DE JANEIRO
Peçam catalogos illustrados

FAQUEIRO COMPLETO

PARA

12 PESSOAS

200 PEÇAS

RICAMENTE ACABADAS

DA MELHOR CUTELARIA

— INGLEZA —

MODELO DE LUXO DO FAQUEIRO,

GARANTIDO POR 40 ANNOS DE USO DIARIO

CLUBS CASA STANDARD